



MANUEL SIMÕES

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA POESIA DE SÍLVIO CASTRO

No seu livro de estreia, *Infinito Sul* (1956), Sílvio Castro exprime uma nítida inquietação existencial, a presença do “eu” é frequente, embora se possa dizer que não há experiência do eu que não seja experiência do mundo. Num texto que reflecte a lição da chamada “geração de 45”, há também lugar para a construção duma euforia momentânea («criarei as obras mais belas do gênio humano»), que não é mais do que um *locus amoenus* a contrapor à angústia, à «ânsia eterna» que percorre este discurso poético. E com *Sol e Só* (1962) a construção recupera elementos da poesia concreta num sapiente jogo de palavras entre “amor” e “morte” ao longo de uma sequência sobre a relação amorosa numa visão diacrónica em que a memória refaz um percurso com alguns acidentes: a «lembrança da infância» perante a morte; o «silêncio do menino/ do homem que se levanta/ para o amor» (p. 39).

Tempo Veneziano (1967) assinala um contexto espacial de extrema importância para um poeta que concebe a poesia como o resultado de um «justo equilíbrio entre a sabedoria formal e as experiências existenciais»¹. Dando continuidade à tendência do seu livro precedente, este texto desenvolve uma certa afinidade com o movimento da “poesia concretista”, sobretudo pela intervenção da linguagem que determina o alargamento das possibilidades significativas. Para quem, como Sílvio Castro, afirma que «o poeta procura traduzir, decodificar, o significado do seu estar no mundo»², não deixa de ser digna de referência a colocação do poema *Biografia* como abertura do volume, composição que marca um novo tempo e um novo espaço na cartografia existencial do poeta. No seu trabalho de construção duma identidade, o sujeito textual convoca a relação com as leis da memória ao enunciar: «Aqui estou no tempo e / ilimitado; / deito menino / volto ao lado / do tempo passado» (p. 55).

Não se trata, porém, da evocação nostálgica do tempo, até porque, na indagação de referências que balizam o “tempo veneziano”, por exemplo no poema

¹ S. Castro, *Testemunho do Autor*, in *Poesia Reunida*, Rio de Janeiro, Edições Galo Branco, 1998, p. 9.

² *Ibidem*.

Pedra de rua veneziana, o sujeito reflecte sobre a voragem temporal através da história das pedras e do seu peso na história: «Piso meus passos / e repasso o tempo / passado por mim / sempre ausente / quente amor / de passos passados / outrora não-eu / passados por mim / ausente dolente» (p. 67), o que pressupõe a sua perspectiva momentânea – haveria de produzir outros textos com a representação da Sereníssima – relativamente à «cidade da/ idade/ de pedras e homens» (*Cidade Veneza*, p. 69).

E com *Viver em Malabase* (1993) o estatuto memorial parece justificado logo a partir do título, primeiro indicador da condição existencial do sujeito. “Malabase” poderia lembrar a “Pasárgada” de Manuel Bandeira, embora a expansão textual, como já referiu Fernando Py, se revele como «um lugar não-utópico, e até mesmo uma antiutopia, configurando uma grande caixa cilíndrica em que o poeta guarda (ou regista) uma intensa luta entre o social e o individual, luta que este último se destrói («ou vai sendo destruído aos poucos»)³. Estas considerações coincidem com as do posfácio do Autor, que recusa a hermenêutica da utopia, embora faça depender o social da revelação do eu biográfico e abra o discurso metapoético com a declaração significativa de que «Certamente Malabase é um lugar, uma específica situação física e geográfica»⁴. Neste sentido, Malabase assenta numa construção em que o sujeito manifesta ora empatia ora recusa por uma condição em desequilíbrio entre dois tempos e dois espaços, sendo irrecusável a projecção de uma experiência que fatalmente condiciona o “modo de viver” num novo modelo social e cultural:

O forasteiro que chega em Malabase
e entra numa casa
logo pensa reconhecer
as mesmas coisas que viu em sua casa,
mas logo reconhece
que tudo lhe é revelação,
como se visse pela primeira vez.

(*Nas casas de Malabase*, p. 78).

³ F. Py, *A Poesia de Sílvia Castro*, in *Poesia para Todos*, ano 1, n.º 2, novembro 2000, p. 67.

⁴ S. Castro, *Posfácio não necessariamente explicativo com poemas alternativos*, in *Viver em Malabase*, agora em *Poesia Reunida*, cit., p. 108. A este propósito, parece-me lícito referir o que escreveu Eugenio Borgna: «Ovviamente, nella reciprocità dialettica delle relazioni non c'è modificazione mondana che non si accompagni a una modificazione dell'io» (*Come se finisce il mondo*, Milano, Feltrinelli, 1995, p. 62).

E não é por acaso que este conjunto textual exhibe poemas como *Viajando para Veneza* («De encontro ao tempo/ de pedra água e sal/ vôo para Veneza», p.82); ou *Veneza 1962*, onde o sujeito se confronta com a necessidade de dar forma às suas imagens no sentido de lhe conferir uma identidade: «Me edifico novo / a palavra faz / geometria veloz / sou dois em um / e me desenho / esta unidade» (p. 83).

Dividido entre dois tempos, que correspondem a duas geografias distintas, o que se enuncia é um discurso revelador dessa dualidade, à qual não é estranho o sentimento predominante do exílio: «Cantar em minha casa / é cantar em terra alheia: / canto/ e sou silêncio» (*Novo canto do exílio*, p. 83), num poema que se constrói a partir de ecos de Salvatore Quasimodo, de resto um poeta que Sílvio Castro conhecia bem, como seu tradutor já em 1968. A sequência parece, porém, redimensionada, quando, a seguir, se inscreve *Outro canto do exílio* (p. 84), cujo *incipit* funciona como expansão do poema precedente, acentuando, assim, a percepção do ser dividido: «Não canto a beleza da terra / natal / me foi fatal / o canto entoado na véspera / deste canto».

Viver em Malabase, como se disse, não se orienta no sentido da utopia, até porque o andamento do texto contraria o sentido etimológico do termo. É deste modo que no poema *Amor em Malabase* se apercebe um lugar onde «caminhando por suas ruas,/ sente somente a distância da gente» (p. 104), o que dá origem, na economia do discurso, a nova *Biografia III. Retrato côncavo* em que o sujeito, olhando de si próprio como o caos, produz um discurso que confina de novo com as formas do exílio: «Contemplo em silêncio este meu gesto / querendo descobrir outro já visto: / me invento por inteiro neste resto / de mim que vive em solidão e grito» (p. 104).

Como uma obsessão, Malabase retorna numa outra colectânea, *Canto Fundo* (1998), onde parece esclarecer a eventual ambiguidade que pudesse subsistir quanto à sua interpretação. No poema *Era Novembro em Malabase*, o sujeito convoca a memória de um percurso em que a infância tem o seu peso específico como ferida profunda no eu afectivo:

Estou em Malabase
e a notícia da morte de minha mãe
me chega em Malabase
[...]
Caminhando pelas ruas de Malabase
sentando-me numa mesa de um bar
de Malabase

recordo minha mãe
 recupero devagar a visão das coisas
 e do tempo⁵.

A este poema se enlaça um dos primeiros textos de *Gira Mu(o)ndo*, de 2003, livro que conheceu duas edições, uma brasileira e outra italiana, esta bilingue, no belo volume do Centro Internazionale della Grafica di Venezia, e que instaura a tópica da viagem através das muitas experiências que fazem do “eu” e do mundo uma unidade significativa. Este percurso de revisitação de espaços e de tempos não pode prescindir de novo apelo à memória da infância como primeira viagem, talvez imaginária pelo que contém de fantástico na fazenda da Boa Esperança: «eu tinha seis meses e vivia nu/ de encontro sempre procurado/ com pele voz sorriso de minha mãe/ deslumbrante e bela na/ janela dos meus olhos»⁶. E por vezes a memória é histórico-literária, como na composição intitulada *Lisboa*, em que a *Carta de Pêro Vaz de Caminha* – de resto, objecto de estudos vários por parte do Autor – entra pelo poema de modo explícito, e precisamente no lugar textual em que o sujeito proclama:

Entro na cidade pelo Tejo,
 vindo de um amado rio
 de janeiro
 para este abril de primavera –
 passo por Belém em navegação
 inversa,
 acompanhado por Caminha:
 também aqui pode-se plantar
 e ver que tudo dá (p. 36);

ou noutros momentos em que parece haver ecos da *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, como, por exemplo, no poema *Rio de Janeiro*, onde aparecem também reminiscências do famoso Salmo CXXXVII (*Super flumina Babylo-nis*): «quero ser cego se não tenho/ as maravilhas do Rio» (p. 61).

⁵ S. Castro, *Testemunho do Autor*, cit., p. 123.

⁶ S. Castro, *A primeira viagem*, in *Gira mu(o)ndo*, Rio de Janeiro, Ed. Galo Branco, 2003, p. 16. Veja-se ainda o poema *Viajo na cidade* onde cabe a voz nostálgica pela feliz monotonia: «mas, onde estão os laranjais/ da minha infância?/ se escondem entre um sentimento / e a sua saudade» (*Ibidem*, p. 93).

Do que fica dito pode afirmar-se que esta obra poética revela a omnipresença de um sujeito cindido, não entre dois espaços mas mais precisamente por três, significando, portanto que, onde quer que esteja, sentirá sempre a nostalgia por outro tempo/espaço que lhe atormentará a memória. No poema de abertura deste volume torna-se explícita a unidade/identidade repartida («por 1 terço / sou brasileiro, / português por outro, / italiano da comple / mentaridade», p. 13), embora o peregrinar do viajante, na tentativa de auscultar o “sentimento do mundo”, pareça localizar o seu centro/complemento no poema *Veneza*, curiosamente de novo com ecos de Gonçalves Dias: «Veneza é o meu lar / aqui não é nunca lá / que não me movo / para fora e se o / faço já me sinto / aqui estando lá» (p. 28), e onde o oxímoro «sinto aqui/ estando lá» traduz a relação dialéctica que se estabelece entre os três espaços privilegiados.

A leitura progressiva da obra poética de Sílvio Castro conduziu-me à eleição do termo “construção” para integrar o título deste trabalho, já que o último livro de poemas publicado (*Poemas Construtivos*, de 2007) é um discurso marcado precisamente por este lexema e seus derivados, nas suas vertentes polissémicas, que delimitam e estruturam (“construturam”) a organização textual. E a composição de abertura, *Construção do poema*, convoca, por contiguidade, os elementos primordiais de que o signo “pedra” se revela como fundamento ou alicerce da expansão do texto: «a palavra pedra se alarga em vento/ e tudo me é possível, tudo, sinto»⁷.

Na construção do seu talvez melhor texto poético, a memória literária convoca o verbo substantivo de João Cabral de Melo Neto (*O Engenheiro*, 1942-1945) de que se recupera o título, o primeiro e o quarto versos, e certa geometria, aliás já legível em *Infinito Sul* e em *Viver em Malabase*, agora assumida como processo programático verificável através das isotopias que o poeta propõe (e se propõe) como matéria de reflexão: «Construção premente/ sempre em procura/ de seus andaimes/ cedo levantados, vivos e vividos;/ mas logo perdidos/ alheios, alados, idos» (*Construção-I*, p. 41); e logo a seguir: «Subo por andaimes de meu edifício/ em construção;/ subo e me perco em abstracção/ do edifício que construo e perco/ construindo no espaço/ limitado/ um edifício presente que mais/ não sabe que de um eu passado» (*Construção-II*, p. 42).

A este plano da construção, linha-mestra da estrutura expansiva, obedecem também os poemas *Edificação do amor-I e II* (pp. 29-31) e ainda as belíssimas composições *Construção do exílio* e *Desconstrução do exílio* que revisitam te-

⁷ S. Castro, *Poemas Construtivos*, Rio de Janeiro, Edições Galo Branco, 2007, p. 13.

mas persistentes na poesia de Sílvio Castro, reflexo da condição problemática de homem dividido entre geografias sentimentalmente interiorizadas com extrema intensidade. Este aspecto acentua a problematização da auto-representação, estabelecendo fronteiras ao “eu” íntimo cujo potencial heurístico o leva aqui à desconstrução: «[...] e logo continuo/ minha tarefa de pedreiro/ obreiro de uma nova construção» (*Desconstrução do exílio*, p. 37).

A este respeito seja-me consentido referir o que já tive oportunidade de escrever, um dia, ao fazer a recensão deste volume:

«Nesta indagação do lugar essencial onde enfim aproar, reflexo da viagem humana por labirintos vários, o arquétipo de Ítaca surge, também ele, com a dupla valência da partida e da chegada, como «ilha bipartida» que acolhe o sujeito na sua navegação por «rotas não sabidas» e lhe propicia uma hipótese de mediação entre o “estar” e o “não estar”, ou melhor, entre o “chegar” e o “partir”, termos da mesma equação: «Tudo é sereno no navegar com a brisa / da calmaria que leve beija minhas velas: // nela me imobilizo e quieto espero por / saber se cheguei à ilha ou para ela parto» (*Ítaca bipartida*, p. 32). Não anda longe desta reflexão fundamental o poema intitulado precisamente “Niemeyer”, o arquitecto da “construção” por antonomásia, a figura que estabelece, por assim dizer, uma relação concreta com a criação dum tecido poético dominado, como se disse, pela geometria construtiva»⁸.

A esta tentativa de síntese, de certo modo abrangente em relação ao conjunto da obra poética de Sílvio Castro, recordo aqui que o Autor procede a uma indagação aos arquivos da memória como integridade do “eu”, devolvendo-lhe a espessura de um itinerário que parte do ponto vago até se alargar à linha do horizonte, e navegando à descoberta do almejado equilíbrio entre o ser e o estar. Pode dizer-se que se trata de uma operação que se inscreve na conhecida definição de Fernando Pessoa no sentido de que «a memória é a consciência inserida no tempo», considerando sempre, como exigência profundamente radicada, a contextualidade fenomenológica entre o eu e o mundo⁹. É uma poética que respira um ritmo existencial, em sintonia com a vida e a história, com a percepção nítida da interferência da significação do tempo na génese do sentido do discurso.

⁸ *Rassegna Iberistica*, n.º 88, ottobre 2008, p. 173.

⁹ «Non c'è l'io, da una parte, e il mondo delle cose e delle realtà umane, dall'altra; ma l'io si riflette nel mondo e il mondo si rispecchia nell'io in una circolarità senza fine» (E. Borgna, *op. cit.*, p. 62).